



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 21ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨

Em virtude do recesso do judiciário essa é nossa primeira edição de 2026 que trás os destaques de dezembro e janeiro. Aproveitem a leitura!



Jornalista Sandra Annenberg, apresentadora do Globo Repórter

Espaços históricos do Centro Cultural Justiça Federal escolhidos como cenário da *Retrospectiva 2025*, da TV Globo

Há décadas, no final do ano, muitos brasileiros se juntam em frente à televisão para assistir, na TV Globo, ao programa especial *Retrospectiva*. Ali, em pouco mais de duas horas, é possível relembrar os principais fatos que marcaram a política, a economia, a ciência, o meio ambiente, o esporte e a cultura — no Brasil e no mundo —, no ano que passou. Uma verdadeira viagem no tempo carregada de informação, emoção e contexto. Em 2025, para o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** e seus admiradores, a *Retrospectiva 2025*, que foi ao ar dia 30 de

CCJF ficará fechado no Carnaval e para manutenção interna



No período de 13 a 28 de fevereiro o CCJF estará fechado devido ao Carnaval e manutenção interna. Reabriremos dia 1º de março. Aguardamos sua visita!



Prorrogadas: exposições Valongo Justiça Memória do Cais e Livro Poema/Poema Livro ficam no CCJF até o dia 1º de março

dezembro, se tornou mais especial e inesquecível. Pela primeira vez, o CCJF, local que respira história, sede do Supremo Tribunal Federal (STF) até 1960, teve a honra de ser o palco da gravação do programa.

Com as chamadas para fatos que marcaram 2025 apresentadas pela jornalista Sandra Annenberg, — por exemplo, a conquista inédita do Oscar para o filme brasileiro *Ainda estou aqui*, o mega show de Lady Gaga em Copacabana e a realização da COP 30 no país, evento que discutiu sobre medidas para conter o aquecimento global no planeta —, os espectadores puderam conhecer mais dos vários espaços do Centro Cultural, verdadeira joia da arquitetura eclética, tombado pelo patrimônio histórico nacional. Entre eles, a entrada principal emoldurada com as enormes portas de madeira, talhadas com lindos afrescos, a escadaria em mármore, empoderada pelo grande vitral da Deusa da Justiça e a Sala de Sessões, que abrigou importantes julgamentos enquanto sede do STF, entre eles os *Habeas Corpus* de Olga Benário e Rui Barbosa, relevantes acontecimentos para a história jurídica brasileira.

Para o CCJF, o ano de 2025 foi um verdadeiro sucesso, com muitas conquistas, recheado de programação de primeira qualidade para todos os públicos. Fechar o ano nas telas, em um dos mais renomados programas de TV do país, enche de orgulho e reforça o compromisso da equipe do CCJF por incentivar e garantir o acesso da população às diversas formas de expressão cultural. Além disso, foi um lindo convite para a entrada de 2026, ano em que o Centro Cultural comemora 25 anos.

Se assistir a *Retrospectiva 2025* o inspirou a conhecer o **Centro Cultural Justiça Federal** — ou a voltar a visitá-lo — não perca tempo, venha! Estamos esperando todos vocês!



Performance Lavar a Roupas Suja da História, por Mariana Maia

CCJF recebe Festival Raízes e celebra culturas ancestrais em programação

gratuita

Nos dias 11 e 12 de dezembro de 2025, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, recebeu *Raízes: Festival de Arte Sustentável Animista*, evento gratuito que reuniu arte, saberes ancestrais e práticas sustentáveis. A programação ocupou tanto a área externa, na Rua Pedro Lessa, quanto espaços internos do CCJF, promovendo apresentações, oficinas, palestras e vivências culturais. Com classificação indicativa variada, o festival reafirmou o compromisso com acessibilidade e diversidade, criando um espaço de escuta, formação e celebração, conectando o público a expressões culturais que valorizam a relação entre ser humano e natureza. A iniciativa contou com patrocínio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC).

Idealizado por artistas e pesquisadoras ligadas às culturas de matriz ancestral Allegra Ceccarelli, Lucia Tucuju, Jane Santos e Tatiana Henrique, o festival nasceu com a proposta de unir arte, educação e consciência ambiental. Como destacam as idealizadoras, “levar o Festival Raízes para a rua foi uma escolha política, estética e simbólica. A parceria com o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) e com a Banca do André, na rua Pedro Lessa, foi fundamental para que o festival se tornasse único, vivo e acessível, transformando o espaço urbano em território de encontro, escuta e pertencimento”. A parceria com o CCJF e com a Banca do André possibilitou integrar o evento à dinâmica do centro da cidade, aproximando diferentes públicos das atividades. “A arte pulsou em diálogo constante entre diferentes linguagens, saberes e ancestralidades”, disseram. O festival reuniu 33 artistas e 28 expositores, além de feira de artesanato e gastronomia de matrizes culturais diversas, gerando renda e valorizando tradições. A organização do evento priorizou trabalhos voltados à sustentabilidade e à preservação dos saberes ancestrais.

No dia 11, o palco externo recebeu contações de histórias, performances, oficinas de dança e espetáculos teatrais que abordaram memória, identidade e espiritualidade. Os destaques foram as apresentações *Lavar a Roupas Suja da História*, por Mariana Maia, e *Lagoa de Nanã*, por Luanda Francisco, que aconteceram no hall de entrada do CCJF. O primeiro dia concentrou atividades sobre literatura indígena, saúde mental e práticas artísticas sustentáveis. Criação simbólica de máscaras, bate-papos e contações de histórias ampliaram o debate sobre memória e pertencimento, essas ações reforçaram o caráter pedagógico do festival e estimularam a participação dos visitantes. O encerramento do dia ficou por conta de Dauá Puri, com cantos tradicionais em língua indígena e instrumentos feitos de materiais naturais.

No dia 12, a programação externa manteve a diversidade de expressões, com palestras, slam de poesia, performances e apresentações musicais ligadas às culturas afro-brasileiras e indígenas. Oficinas de dança e shows como *Cantos Ancestrais* e *YÊLÊ SIRÀ* celebraram espiritualidade, resistência e representatividade. Nos espaços internos, palestras, contações de histórias e oficinas abordaram ancestralidade indígena, autoestima da mulher negra e símbolos africanos na arquitetura

Uma boa notícia as amantes das artes visuais: devido ao sucesso de público, as exposições Valongo Justiça pela memória do cais, projeto idealizado pelo Conselho da Justiça Federal (CJF), e a LivroPoema/ PoemaLivro, da artista Gabriela Irigoyen com curadoria Irene Peixoto, foram prorrogadas até o dia 1º de março. A 1ª mostra, localizada no térreo do CCJF, convida o visitante a mergulhar na história do Cais do Valongo, ponto de desembarque de pessoas escravizadas, passando pela descaracterização da área e por sua redescoberta durante as obras de arquitetura e urbanismo para modernizar o Porto Maravilha, no Rio de Janeiro.

Já a 2ª, apresenta livros de artista criados por Gabriela entre 2010 e 2025, que subvertem a estrutura tradicional do livro e propõem experiências visuais, sensoriais e poéticas. A ideia é convidar o público a habitar o livro como objeto tridimensional. Amplia-se os modos de ler e pergunta-se: o poema está no livro ou o livro é o poema? Venha conferir!

Ritmos Brasileiros no Verão tem sua última apresentação de 2025 no dia 12 de fevereiro com Berimbau-Mulher

da cidade. A circulação entre arte, feira e gastronomia reafirmou o festival como experiência cultural ampla e sensorial.

Ao final dos dois dias, o Festival Raízes se firmou como um espaço de encontro entre culturas, gerações e territórios, articulando arte, formação e consciência ambiental. “Foram dois dias que, sem dúvida, entraram para a história — um verdadeiro encontro de culturas, afetos e saberes”, resume a equipe organizadora. O evento deixou como legado o fortalecimento de redes culturais e a valorização de tradições que muitas vezes não têm voz. Também ampliou o debate sobre sustentabilidade e diversidade no campo das artes. O Raízes reafirma, assim, a potência da cultura como ferramenta de memória, transformação e pertencimento coletivo.



Thiago Batistone e banda no palco do CCJF

Intimidade e emoção no show “Quando eu soltar a minha voz”

No dia 10 de dezembro, o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) abriu suas portas para o espetáculo *Quando eu soltar a Minha voz*, o 1º show solo do multi-artista Thiago Batistone.

Com a banda composta por Raminson Santos, no teclado, Douglas Fernandes, no baixo, Leo Mothé, na bateria e Cassi Cavalcanti e Dani Ramalho, nos vocais, além dos convidados Matheus Souza, na guitarra, Fred Chico, na guitarra e na gaita e Keyven Souza no sax tenor, o show foi marcado por composições autorais e grandes sucessos da música brasileira — como *Agora só falta você*, de Rita Lee, *Apenas um rapaz latino americano*, de Belchior e *Sangrando*, de Gonzaguinha - revelando a presença profunda e impactante do artista, que traduziu em palavras os sentimentos de identidade, emoção e pertencimento. O público teve papel fundamental na composição do concerto. Os olhares atentos, as vozes que ecoavam a cada canção, e as luzes que criaram um ambiente intimista, ajudaram a reafirmar a importância do espetáculo e o sentimento de acolhimento que ele propôs.

Thiago considerou a experiência marcante e destacou a importância do show para sua carreira. O repertório foi pensado



A programação do *Ritmos Brasileiros no Verão 2026* não para por aí! No dia 12 de fevereiro, quinta-feira, o hall de entrada do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), vai receber a apresentação da *Berimbau-Mulher*, um grupo formado por mulheres capoeiristas, artistas e musicistas, que irão ressaltar a importância da capoeira como símbolo de liberdade, força e ancestralidade, exaltando as raízes da cultura afro-brasileira.

A cantora, compositora e berimbalista, Zilá Lima, compartilhou que a expectativa é que o espetáculo crie um espaço de escuta, memória e representatividade. “Somos 18 mulheres de diferentes áreas profissionais conduzindo o berimbau e os demais instrumentos tradicionais da capoeira. Através das mensagens presentes nas cantigas, desejo que a música atravesse o público como gesto de afeto, resistência e pertencimento. Que essa vivência inspire o público em geral e, de forma especial, outras mulheres a se aproximarem do berimbau, instrumento sagrado que nos conecta e nos empodera”, declarou a artista.



**A história do CCJF:
agende sua visita!**

como uma forma de se apresentar ao público como cantor, tendo a oportunidade de apresentar em cena o que canta, o que o emociona, o que o move e o que o faz feliz. “Já tive muito medo de cantar — o canto te deixa vulnerável no palco —, mas senti que esse era o momento certo. Muitas pessoas já me reconheciam como músico, regente ou diretor musical, mas ainda não como cantor, e esse show foi justamente a chance de ocupar esse lugar. A recepção foi calorosa, tanto da plateia quanto da própria equipe técnica, e os *feedbacks* recebidos ao final reforçaram a sensação de que aquela noite representou um passo importante na minha trajetória artística”, compartilhou o cantor.



Orquestra Balogun e o público participante

Ritmos Brasileiros no Verão celebra a diversidade musical no CCJF

Entre os meses de janeiro e fevereiro, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) realiza a segunda edição do *Ritmos Brasileiros no Verão*, um festival musical gratuito que reúne diversos ritmos do país, valorizando a cultura popular e abrindo espaço para que um público de diferentes idades possa apreciar a pluralidade dos sons apresentados.

A *Folia de Reis do Sertão Carioca* e os grupos *Capirando* e *EnCanto* abriram a programação do festival, no dia 22 de janeiro. O hall de entrada do CCJF foi tomado pela manifestação cultural com cantos tradicionais, instrumentos típicos, bandeiras e o palhaço de folia, que conduziu o cortejo e encantou o público presente. Durante a apresentação das canções *Romaria*, de Renato Teixeira, e *Anunciação*, de Alceu Valença, foi possível perceber a emoção dos visitantes, que acompanharam o momento com atenção e sensibilidade. O museólogo e palhaço da *Folia de Reis do Sertão Carioca*, Sérgio Santos, destacou a alegria em ocupar o CCJF. “A Folia sempre andou na rua e, trazê-la para um espaço público destinado a valorização da cultura, é uma alegria muito grande. Um produto



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira:

para até 10 pessoas [clique aqui](#)
e para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente (e para os olhos)



do povo, oferecido ao povo, de graça num espaço popular, é o futuro mais sonhado para mim”, declarou.

No segundo dia de programação, a *Orquestra Balogun* apresentou um espetáculo caracterizado pela ancestralidade e pela riqueza de timbres, reunindo percussão, sopros, cordas e vozes em um programa dedicado às tradições musicais de matriz africana. O repertório, composto por canções como *Jongo Diminuto*, de Messias dos Santos, *Bananeira Caiu* e *Foi Agora que Eu Cheguei*, ambas de domínio público, fez os visitantes dançarem e se conectarem com sua ancestralidade, que passaram a acompanhar a apresentação com palmas, coreografias, risadas e gritos de “mais uma” ao final de cada música apresentada. O percussionista e diretor artístico, Pedro Lima, compartilhou que o evento foi proveitoso, com um bom público presente, que cantou, dançou e ficou feliz com a apresentação.

A Companhia Musical Rio Pandeiro fez uma apresentação vibrante no terceiro dia de festival, com uma mistura de sambas, cocos, marabaixos, maracatus e outros ritmos do Brasil. O programa passou por composições autorais e sucessos brasileiros, reforçando a potência do pandeiro como símbolo da identidade musical, promovendo uma conexão direta entre o grupo e os visitantes. O produtor Rafael Barros compartilhou que foi uma alegria imensa participar desse projeto.

Eventos como o *Ritmos* reafirmam a importância de iniciativas culturais gratuitas que democratizam o acesso à arte e valorizam as expressões populares. Ao reunir manifestações de diferentes matrizes culturais, o festival proporcionou ao público uma experiência plural, capaz de dialogar com memórias afetivas, ancestralidade e identidade, fortalecendo o vínculo entre cultura e cidadania.

E fiquem atentos que, dia 12 de fevereiro, teremos a última apresentação do Festival. Confira na nota ao lado. Aguardamos vocês!



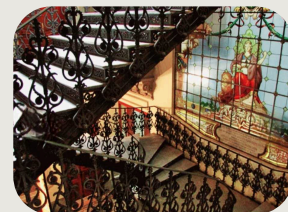
Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta, das 12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.



Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



No palco, o ator Vandré Silveira

No CCJF, monólogo “A Hora do Boi” volta aos palcos com reflexão sensível

No dia 13 de janeiro, a peça teatral *A Hora do Boi* retornou aos palcos. Desta vez, no Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, marcando uma nova temporada do espetáculo no Rio de Janeiro. Com direção de André Paes Leme e texto de Daniela Pereira de Carvalho, a apresentação acompanha a trajetória de “Seu Francisco”, tratador e capataz de um matadouro. A narrativa se constrói a partir da relação de amizade e afeto que ele desenvolve com Chico, um boi criado por ele. Diante da inevitabilidade do abate do animal, o protagonista se vê em um dilema moral, que coloca em conflito o dever profissional e os vínculos afetivos construídos ao longo do tempo.

No palco, o ator Vandré Silveira sustenta sozinho o monólogo, interpretando três personagens distintos: “Seu Francisco”, o homem; Chico, o boi; e São Francisco, o santo. A atuação se destaca pela precisão na construção de cada personagem, permitindo ao espectador identificar com clareza as transições entre eles, a partir de gestos, corporalidade e da maneira de falar — mesmo que o ator o faça de maneira discreta em determinados momentos. Chico, o boi, é construído de uma certa lucidez, ao mesmo tempo que sustenta uma postura infantil, como a de um filho. Já “Seu Francisco” é uma figura áspera e submissa, reforçando a inversão proposta pela peça, na qual o animal demonstra ser mais atento e sensível do que o ser humano.

Ao longo da apresentação, o isolamento vivido por Chico (enquanto boi) em uma fazenda evidencia uma realidade que reflete a relação na atualidade entre humanos, animais e o mundo, tema central do espetáculo. “*A Hora do Boi* é um espetáculo que escancara a relação predatória do ser humano com o planeta e os outros seres vivos e a urgência de transformação. A empatia como caminho para essa mudança. Assim que comecei o processo de ensaios, em 2023, eu parei de comer carne. Foi um processo natural. A discussão está para além do consumo de carne, questionamos nossa relação com nossos semelhantes, seres humanos, com os animais e com o planeta. É muito satisfatório perceber as pessoas reconsiderarem a suposta superioridade humana sobre as outras espécies, a partir do contato com esta história entre um homem e um boi. Buscamos evidenciar o equívoco desse pensamento antropocêntrico e especista que atribui menor valor a seres de outras espécies como justificativa para subjugar e explorar”, destacou Vandré Silveira.

A nova temporada no CCJF também representa um momento de renovação artística para o espetáculo, que passa a ocupar, pela primeira vez, o centro da cidade. “A beleza do fazer teatral é que sempre acessamos algo novo. E no CCJF temos a possibilidade de alcançar novas descobertas. Amadurecemos com o tempo e o trabalho também amadurece. É a primeira vez que fazemos a peça num palco italiano e isso também trouxe um



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabia que o Centro Cultural Justiça Federal já teve uma cocheira?

O Teatro, inaugurado em setembro de 2001, antes de se tornar um espaço dedicado às artes cênicas e à música, foi uma cocheira de cavalos e, com a chegada dos automóveis, funcionou como garagem e oficina. Hoje, com 141 lugares, o espaço é versátil, recebendo peças, shows e eventos culturais, e ainda esconde um detalhe: atrás do palco, uma escada leva ao subsolo onde ficam os camarins, podendo ser encoberta para ampliar a área cênica. O projeto do teatro exigiu soluções estruturais durante o restauro e a adaptação do imóvel, incluindo o reforço das fundações e a criação de um subsolo. Assinado pelo cenógrafo José Dias,

frescor, no sentido de descobrir uma nova relação espacial com o público. Também é a primeira vez que nos apresentamos no Centro do Rio. A temporada começou muito bem! O Teatro do CCJF é lindo, aconchegante e abraçou o espetáculo”, disse Vandrê, animado.

Ao voltar aos palcos em um novo espaço, *A Hora do Boi* mostra que segue atual e necessária. Com uma história simples, mas carregada de significado, o espetáculo convida o público a repensar hábitos, afetos e a forma como nos relacionamos com os outros seres e com o mundo. No CCJF, a peça se renova e reforça o teatro como um lugar de encontro, reflexão e diálogo.

com iluminação de Paulo César Medeiros e acústica desenvolvida pelo escritório de Roberto Thompson Mota, o espaço foi pensado para ser reversível, preservando a integridade da arquitetura original e permitindo diferentes usos ao longo do tempo.



Debatedores durante o evento

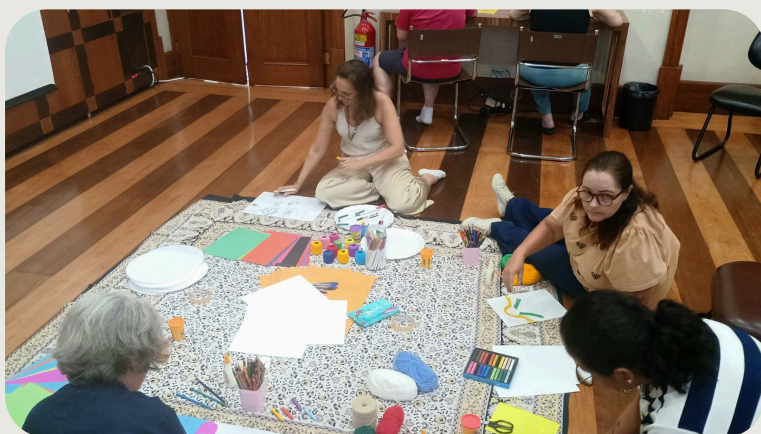
No CCJF, 15ª Mostra Cinema e Direitos Humanos destacou justiça social e impactos da crise climática no Brasil

No início de dezembro, entre os dias 6 e 10, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu a *15ª Mostra Cinema e Direitos Humanos* — iniciativa criada pelo Governo Federal para consolidar a educação e cultura em Direitos Humanos, usando o audiovisual como aliado na busca por uma nova mentalidade coletiva para o exercício da solidariedade e do respeito às diferenças. Em 2025, a Mostra, realizada pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e apoio do CCJF e da UFRJ, aconteceu de forma simultânea em 12 capitais brasileiras, entre elas o Rio de Janeiro, sob o tema: “Direitos humanos e emergência climática: rumo a um futuro sustentável”. Com uma homenagem à cineasta Sueli Maxakali, liderança Tikmũ’ün e referência do cinema indígena contemporâneo, a ideia foi evidenciar como a defesa da floresta, da água e dos modos de vida tradicionais é inseparável da luta por direitos humanos.

O evento convidou o público a refletir sobre como a emergência climática atravessa diferentes modos de vida, da floresta à metrópole, e redefine a relação entre povos tradicionais, comunidades urbanas e seus territórios. Dentre os destaques da

programação gratuita, foram exibidos: o curta carioca “Amazônia sem Garimpo” (2022), dirigido por Tiago Carvalho e Julia Bernstein, uma animação produzida pela Canoa Filmes em parceria com a Fiocruz, e o longa “Yôg Ātak: Meu Pai, Kaiowá” (2025), de Sueli Maxakali, premiado no Festival de Brasília, CachoeiraDoc e Mostra Ecofalante, que abriu a programação nacional ao acompanhar a busca da diretora pelo pai, afastado da família durante a ditadura militar.

Para Ellen Santos, produtora da 15ª *Mostra Cinema e Direitos Humanos*, realizar a Mostra no CCJF foi uma experiência muito especial. “O CCJF se mostrou um espaço acolhedor, com ótima estrutura e qualidade técnica, permitindo que toda a programação acontecesse de forma tranquila e confortável para o público. Ter um espaço como esse disponível gratuitamente ao público é fundamental para ampliar o acesso à cultura, formar novos públicos e manter viva a relação das pessoas com o cinema e com a cidade”, ressalta Ellen que agradeceu, sinceramente, a atenção, a disponibilidade e a parceria da equipe do Centro Cultural com a produção do evento, desejando, inclusive, que essa parceria possa se repetir em outras oportunidades.



Literatura e arteterapia se encontram em oficina sobre contos de fadas brasileiros no CCJF

No sábado, 6 de dezembro, o Centro Cultural Justiça Federal realizou, na Sala de Leitura, a oficina Contos de Fada(s) Brasileiros: eles existem?, uma atividade voltada ao público adulto que integrou literatura e arteterapia. Conduzido por Ana Cristina Marques Sabioni e Eliz Brito, o encontro teve como proposta apresentar e vivenciar os contos de fadas brasileiros a partir de dinâmicas teóricas e práticas, estimulando a reflexão sobre identidade cultural, simbolismo e auto expressão por meio da arte, em um ambiente de acolhimento e troca coletiva. Desde a chegada ao espaço, os participantes encontraram um ambiente cuidadosamente preparado, com muita organização, sensibilidade e atenção aos detalhes. A disposição da sala, os materiais artísticos e a recepção afetuosa criaram um clima de confiança, que entraram em harmonia com a proposta da oficina. A atmosfera acolhedora contribuiu para que todos se

sentissem confortáveis e seguros para participar ativamente das atividades propostas, em um espaço livre de julgamentos.

A primeira parte da oficina foi dedicada à apresentação teórica, na qual as facilitadoras apresentaram a trajetória dos contos de fadas no Brasil, suas origens e transformações, além de discutirem seus significados simbólicos. A reflexão sobre o papel dessas narrativas na cultura brasileira tinha como objetivo ampliar o olhar dos participantes sobre a literatura como linguagem viva, capaz de se relacionar com aspectos psicológicos, históricos e sociais. Na etapa prática, o encontro se aprofundou na experiência sensível dos contos. A partir da escuta de uma narrativa brasileira, os participantes foram convidados a expressar, por meio de diferentes linguagens artísticas, sensações e reflexões despertadas pela história. Desenhos, colagens, textos e outras formas de criação mostraram que o ambiente seguro estabelecido desde o início favoreceu uma participação profunda, em que cada pessoa pôde trazer elementos de sua própria vivência para o processo criativo.

Para a escritora e facilitadora Eliz Brito, a experiência no CCJF vai além da realização pontual de uma oficina. “Minhas passagens pelo Centro Cultural Justiça Federal transcenderam a mera realização de um evento. Encontrei um ambiente pulsante de profissionalismo e acolhimento, sustentado por uma equipe atenta e generosa. A solicitude da Zoraya e de toda a equipe de funcionários transformou a logística em uma experiência fluida. Da mesma forma, a equipe de marketing merece aplausos não apenas pela eficiência técnica em entregar o material com antecedência, mas pela sensibilidade e boa vontade em fazer a nossa mensagem chegar ao público. Disponibilizar um espaço tão nobre para a difusão da literatura é um ato de resistência e de construção social, fundamental para a formação de leitores e para o fortalecimento da cultura. Minha mais profunda gratidão por fortalecerem a cultura. Muito obrigada!”, afirmou Eliz.

Integrante da programação do Rio Capital Mundial do Livro, a oficina reforçou o papel do Centro Cultural Justiça Federal como um espaço estratégico para a promoção da literatura e da diversidade cultural. Ao organizar reflexão teórica e prática artística, a atividade democratizou o acesso do público a terem experiências que estimulam o diálogo, a escuta e a expressão criativa, contribuindo para a formação de leitores e para o fortalecimento da cena literária atual. O encontro mostrou que iniciativas culturais bem planejadas podem unir aprendizagem e criação, tornando cada participante protagonista do próprio processo de descoberta e apreciação literária.

Disponibilizando um espaço de relevância histórica e simbólica para a difusão da literatura, o CCJF reafirma seu compromisso com a cultura como ferramenta de transformação social. Iniciativas como essa demonstram como ações culturais bem estruturadas não apenas promovem o acesso à arte, mas também educam o olhar, formam público e mantêm viva a circulação da palavra escrita, o que é essencial para a construção de uma sociedade mais sensível, crítica e plural.



Obras da exposição *Dar Nome ao Futuro*

.....

Rios de Liberdade e Dar nome ao Futuro: exposições que revelam olhares artísticos sobre identidade, existência e reinvenção

São concepções criativas distintas, porém com algo em comum: o desejo de instigar, por meio da arte visual e senso estético, o olhar do público para reflexões em torno de identidade, reinvenção, criatividade e existência. Nas galerias do 1º andar do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** a mostra *Rios de Liberdade*, que finalizou em 8 de fevereiro e foi realizada pelo CCJF e pelo Consulado-Geral do Uruguai, convidou os visitantes a navegarem pelas águas simbólicas que conectam o Uruguai e o Brasil há séculos — não apenas em termos geográficos, mas também em seus movimentos culturais, políticos e humanos. A exposição, que abriu dia 10 de dezembro, comemorou os 200 anos da independência uruguaia e reuniu obras de 14 artistas — 7 uruguaios e 7 brasileiros — que utilizaram o acervo histórico do Centro de Fotografia de Montevideu (CdF) como matéria-prima para reinterpretar a memória visual de um país em transformação. “A independência não é apenas lembrança, mas reinvenção — um rio que segue atravessando tempos e fronteiras”, ressalta Maurício Planel, artista visual curador da mostra.

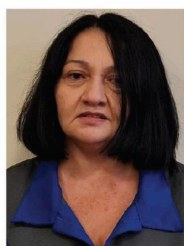
Para Planel, a colagem revela identidades em movimento. “Somos feitos de fragmentos, de passados remontados e futuros possíveis”, frisa. Por sua natureza fragmentária, ela reflete o próprio processo de construção das identidades nacionais. Ao recortar e reorganizar imagens do passado, os artistas revelam o caráter múltiplo e em fluxo da liberdade — não como ponto fixo, mas como um rio que atravessa o tempo e as fronteiras.

Em *Rios de Liberdade*, a independência não é apenas lembrança, mas reinvenção. A cada obra, o público foi convidado a refletir sobre o que significa ser livre, ser latino-americano, ser parte de uma história compartilhada entre margens. Segundo os organizadores, a exposição foi também um gesto diplomático e cultural: um tributo às relações históricas entre Brasil e Uruguai, à força das imagens e à capacidade da arte de construir pontes onde antes havia muros.

Ao trazer pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo, a exposição *Dar Nome ao Futuro*, de Dani Cavalier e Nathalie Ventura, com curadoria de Ana Carla Soler, incentiva os visitantes a pensarem em questões levantadas na COP30, como aquecimento global, transição energética e justiça climática. As obras, cuidadosamente alocadas nas galerias do 2º andar do CCJF desde o dia 11 de dezembro, também instigam o pensamento de como criar um futuro comum para o planeta. Nathalie explica que em “Gesto de presença”, subtítulo de sua exposição, ela traz percepções sobre experiências que teve em lugares longe dos grandes centros urbanos, entre eles Chapada Diamantina, Amazônia e costa pacífica do México, colocando o próprio corpo e elementos da natureza, como a chuva, enquanto medida de relações entre seres humanos e o planeta. Já em “Gesto de permanência”, Dani reaproveita lycra de descartes da indústria têxtil para compor o que ela chama de suas pinturas sólidas. “São poéticas distintas mas que juntas buscam reescrever esse futuro”, resume.

Na sala principal, a instalação “Reunião para decidir o futuro do planeta”, de Nathalie, distribui grandes cascos de Tucum lado a lado, “como se fossem eles os que tomassem as grandes decisões”, remetendo, propositalmente a COP30, que aconteceu no final de 2025, questionando “se nossas metas e acordos em grande eventos mundiais conseguem de fato ganhar concretude.” Segundo a artista visual, talvez a floresta esteja aí dizendo muito também sobre o que espera da população daqui para frente. Para ela, é uma grande oportunidade estar no CCJF, não só pela relevância da instituição no cenário artístico da cidade do Rio de Janeiro, como pelo valor emblemático de ter sido sede do Supremo Tribunal Federal (STF). “Ou seja, estamos de fato falando de um edifício que guarda a importância das tomadas de decisão na construção do nosso futuro.”

A mostra *Dar Nome ao Futuro* (que faz parte do Programa Clima de Mudança) fica exposta até dia 1º de março. Não perca!



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Amanda Gaião

Amanda Gaião, terceirizada Auxiliar de Serviços Gerais do CCJF, é a entrevistada do mês da série Por dentro do CCJF. Há 23 anos no Centro Cultural, ela fala sobre sua trajetória profissional, suas principais funções e relembra momentos marcantes de sua vida, como a conciliação entre trabalho, estudos e a criação dos filhos. Confira a íntegra do papo, logo abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão de Auxiliar de Serviços Gerais?

Amanda Gaião: Eu sempre trabalhei de recepcionista, depois comecei a trabalhar como babá para conseguir cuidar dos meus filhos. De repente, eu fiquei desempregada e com filhos pequenos para criar, como eu já tinha uma certa experiência nesse meio, surgiu a oportunidade de trabalhar como Auxiliar de Serviços Gerais aqui e eu aceitei. Quando percebi, já estava há anos trabalhando no CCJF.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Amanda: Eu já estou aqui há 23 anos. São 23 anos trabalhando com limpeza, cuidando, higienizando e organizando tudo aqui no Centro Cultural com muito carinho. Sempre fui muito cuidadosa, e esse cuidado começou criando meus filhos, tanto que isso foi percebido quando trabalhei como babá, justamente por cuidar muito bem das crianças. E aqui acaba sendo da mesma forma. É uma vida inteira dedicada a esse espaço, que já faz parte da minha história. Eu gosto muito de todo mundo aqui, todos me respeitam, falam comigo, todo mundo é maravilhoso, educado.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

Amanda: Acho que um dos momentos mais importantes da minha vida foi o nascimento dos meus filhos. Mas aqui no CCJF também tive uma grande oportunidade, porque consegui trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Eu trabalhava aqui durante o dia e, às 7h da noite, saía direto para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Acabei parando de estudar na 8ª série porque precisei cuidar dos meus filhos — tive quatro — e dar conta de tudo. Depois que eles cresceram, consegui voltar a estudar, continuando meu trabalho aqui no CCJF. Naquela época, tive muito apoio, inclusive do diretor daqui, que me ajudou a conseguir uma vaga na escola. Foi assim que consegui concluir meus estudos.



Entre Terra, Corpo e Memória: o Festival Raízes como Prática de Sustentabilidade Cultural

Por Allegra Ceccarelli, Lucia Tucuju e Jane Santos

Sustentar a vida implica sustentar relações. Relações entre corpos e territórios, entre memória e presença, entre temporalidades ancestrais e práticas contemporâneas. Em diversas culturas originárias, a existência humana não se concebe de forma dissociada da terra: é no território que se inscrevem os saberes, os rituais, as formas de organização social e os modos de produção da vida. Nesse sentido, a sustentabilidade não pode ser compreendida apenas como gestão de recursos, mas como uma prática relacional que envolve cultura, natureza e ancestralidade como dimensões inseparáveis.

No contexto brasileiro, marcado por processos históricos de colonização, apagamento e violência epistêmica, a sustentabilidade cultural emerge como um campo fundamental de

resistência e reinvenção. A diversidade cultural que conforma o país, resultante de matrizes indígenas, africanas, europeias e de múltiplos atravessamentos, constitui um sistema vivo, constantemente ameaçado por modelos hegemônicos de desenvolvimento que operam a partir da ruptura dos vínculos com a terra e da mercantilização da vida. Como aponta Ailton Krenak (2019), a separação radical entre humanidade e natureza, promovida pelo projeto moderno, sustenta uma lógica de exaustão do mundo, na qual a Terra é tratada como objeto e não como sujeito de relação.

As cosmologias animistas, presentes em distintas culturas originárias e afro-diaspóricas, oferecem um aporte conceitual relevante para essa reflexão. Nelas, a vida não se restringe ao humano, mas se estende a rios, plantas, solos, objetos e elementos naturais, todos compreendidos como portadores de agência, memória e espiritualidade. Essa ontologia relacional funda uma ética do cuidado baseada na reciprocidade: o cuidado com a terra é indissociável do cuidado com o corpo; a preservação da memória é condição para a continuidade da vida; a sustentabilidade é concebida como equilíbrio dinâmico entre seres humanos e não humanos. Arturo Escobar (2018) propõe compreender essas perspectivas como ontologias relacionais, nas quais o mundo é constituído por redes de interdependência, em oposição à visão moderna que fragmenta natureza, cultura e sociedade.

A partir dessa perspectiva, práticas culturais e artísticas podem ser compreendidas como dispositivos de sustentabilidade cultural. Rituais, artes do corpo, fazeres artesanais, culinária tradicional, oralidade e ocupações coletivas do espaço público não apenas expressam identidades, mas produzem pertencimento, reforçam laços comunitários e atualizam saberes ancestrais em diálogo com o presente. Cultura, nesse sentido, opera como tecnologia de cuidado, capaz de sustentar a vida em suas dimensões simbólica, material e relacional.

A ocupação do espaço urbano por essas práticas adquire uma dimensão política e territorial relevante. A rua, frequentemente pensada como espaço funcional e de circulação, torna-se lugar de memória, disputa e reativação simbólica. No caso do Festival Raízes, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2025, na Rua Pedro Lessa e no Centro Cultural Justiça Federal, na região da Cinelândia, essa dimensão se intensifica. Trata-se de um território que, antes da consolidação do projeto urbano colonial e republicano, foi espaço de presença indígena, de aldeamentos, circulação e vida comunitária.

Ao longo do tempo, esse mesmo território tornou-se também espaço de existência de sujeitos historicamente marginalizados pela ordem social urbana. A região central do Rio de Janeiro foi profundamente marcada pela presença da malandragem carioca, figuras que, rejeitadas pelos padrões normativos de trabalho, moralidade e pertencimento, encontraram na rua um lugar de sobrevivência, circulação e invenção de modos próprios de viver a cidade. Nesse imaginário popular e espiritual, entidades como Zé Pelintra e Maria Navalha emergem como símbolos dessa experiência urbana: personagens que transitam entre o sagrado e o profano, entre a exclusão social e a afirmação de dignidade, entre o corpo vulnerável e a astúcia como estratégia de vida, conforme explicitado na Palestra de Fabio Feliciano.

A Cinelândia contemporânea, marcada pela verticalização, pelo concreto e pela intensificação dos fluxos urbanos, repousa, portanto, sobre múltiplas camadas de ancestralidade. Não apenas indígena, mas também popular, afro-diaspórica e urbana. O processo de modernização operou o apagamento dessas presenças, substituindo narrativas e silenciando histórias que não se enquadravam nos projetos oficiais de cidade. No entanto, essas memórias persistem no território, inscritas nos corpos, nos gestos, nas práticas culturais e nas espiritualidades que seguem ocupando a rua como espaço de existência.

Realizar um festival dedicado à ancestralidade, à diversidade cultural e à relação com a natureza nesse espaço configura-se, assim, como um gesto de reterritorialização simbólica. Ao ativar práticas culturais enraizadas tanto em saberes originários quanto em tradições populares urbanas, o Festival Raízes produz uma forma de cuidado territorial e de reparação simbólica. Trata-se de uma ação de cura coletiva para o espaço urbano, para o público, para as instituições culturais do entorno e para as memórias daqueles que, humanos e não humanos, visíveis e invisibilizados, fizeram da rua seu lugar de vida.

Mais do que um evento artístico, o Festival Raízes constituiu-se como uma experiência relacional e processual. Arte, artesanato, culinária, dança, música, palavra e pesquisa cultural foram mobilizados não como produtos culturais, mas como práticas de encontro. O que se configurou foi um território temporário de sustentabilidade cultural em ação, no qual o fazer manual, o tempo desacelerado e a troca direta se afirmaram como contrapontos à lógica de aceleração, consumo e esgotamento que caracteriza o modelo urbano contemporâneo.

Ao articular diferentes linguagens e saberes a partir de uma ética comum, o respeito à ancestralidade, à diversidade e à vida em suas múltiplas formas, o festival evidenciou a potência das práticas culturais como agentes de transformação social. O encontro entre corpos diversos, histórias plurais e saberes historicamente marginalizados produziu um espaço de reconhecimento mútuo, no qual a diferença opera como força de construção coletiva, e não como elemento de fragmentação.

Nesse contexto, a sustentabilidade deixa de ser um conceito abstrato e se materializa em práticas situadas, no gesto, na presença e na partilha. Sustentar a cultura implica sustentar territórios, relações e ecossistemas, reconhecendo, como afirma Krenak (2019), que não há futuro possível se continuarmos contando uma única história sobre o mundo.

Entre terra, corpo e memória, o Festival Raízes aponta para a necessidade de compreender a sustentabilidade como prática ética e política do cuidado. É nesse horizonte ancestral, coletivo e continuamente atualizado que se delineiam caminhos possíveis para enfrentar os desafios contemporâneos e imaginar formas mais justas de habitar o mundo.



[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

[Remover Inscrição](#)



This is a Test Email only.

This message was sent for the sole purpose of testing a draft message.